

?

O que é projeto Life Ilhéus do Porto Santo?

O projeto Life Ilhéus do Porto Santo é um projeto cofinanciado pelo Programa Life+ Natureza e biodiversidade e pela Região Autónoma da Madeira, que decorre nos ilhéus do Porto Santo e visa a recuperação da biodiversidade daqueles ilhéus. Entre as diversas ações propostas destacam-se o controlo das espécies de flora e fauna invasoras e a criação de condições de visita no ilhéu de Cima. O projeto pode ser virtualmente visitado www.lifeportosanto.com

?

Como visitar a área de projeto Life Ilhéus do Porto Santo?

De todos os seis ilhéus que constituem a área do projeto Life Ilhéus do Porto Santo, é o Ilhéu de Cima, que melhores condições de acesso e de desembarque apresenta. Este ilhéu também conhecido como ilhéu do Farol ou ilhéu dos Dragoeiros pertence à Rede de Áreas Marinhas Protegidas do Porto Santo, a mais recente reserva natural do país, criada em 2008. Pode ser visitado durante todo o ano. A visita é apenas condicionada pelas condições do mar dado que o desembarque terá que ser sempre efetuado em segurança. A duração da visita é de cerca de 3 horas (a contar da partida da marina do Porto Santo) e a distância a percorrer no ilhéu à volta de 1500 metros (incluindo a subida até ao topo). O clima é caracterizado pela temperatura amena durante todo o ano, sendo no entanto uma zona muito exposta ao vento. O acesso ao ilhéu de Cima é efetuado por mar, sendo devidamente autorizado e credenciado pelo IFCN de acordo com a legislação em vigor da área protegida. Para marcações de visitas deverá ser contactado o Centro de Informação do

Núcleo dos Dragoeiros das Neves (291 795 155 - ifcn@madeira.gov.pt).

Não se esqueça de levar calçado apropriado antiderrapante e o fato de banho pois o tempo poderá permitir um mergulho nas águas límpidas desta reserva natural. Aconselhamos ainda um picnic no cais de desembarque.

Como devo comportar-me na presença de um lobo-marinho?

O mais sensato é manter a distância e evitar perturbá-lo. No mar, deve-se procurar sair calmamente da água. O lobo-marinho não é um animal agressivo mas é um animal selvagem, de grande porte e pode ser bastante curioso procurando interagir com o homem. E esta interação deve ser evitada ao máximo pois poderá conduzir a acidentes.

Se observar um lobo-marinho é importante informar o IFCN ?

Sim é. A reunião dos registos de observações de lobos-marinhos no mar da Madeira permite ter uma ideia da área de distribuição dos animais, conhecer melhor o seu comportamento e em algumas situações identificar os lobos-marinhos observados, permitindo assim o seu acompanhamento individual. Esta informação é muito útil para a definição das estratégias de conservação da espécie.

Por isso é importante quando se observar um lobo-marinho registar a data, a hora e o local da observação, bem como descrever as características do lobo-marinho e do seu comportamento. Se for possível a recolha de imagens, estas devem também ser encaminhadas para o [IFCN lobomarinho@madeira.gov.pt](mailto:IFCN_lobomarinho@madeira.gov.pt)), pois são o melhor meio para ajudar na

identificação dos lobos-marinhos.
O registo poderá ser encaminhado através da ficha.
Esta é uma forma de colaborar na conservação desta espécie ameaçada.
O lobo-marinho é uma foca?

Sim o lobo-marinho é uma foca, também conhecido por foca-monge do Mediterrâneo.

Lobo-marinho foi a denominação dada na Madeira quando estas focas foram observadas pela primeira vez, pelos portugueses, em 1419.

Os focídeos, juntamente com os otariídeos e os odobenídeos, são as três famílias da ordem dos Pinípedes – animais com pés (no latim pedes) em forma de barbatana (no latim pinnae). As focas, caracterizam-se por não terem pavilhão auditivo e por terem os membros posteriores direcionados para trás. Já as otárias apresentam pavilhão auditivo e os membros posteriores estão dirigidos para a frente possibilitando um bom deslocamento em terra, tal como acontece com os leões-marinhos, frequentemente confundidos com os lobos-marinhos.

As morsas, a única espécie da família odobeniidae, não apresentam pavilhão auditivo, têm os membros posteriores dirigidos para a frente e são os únicos pinípedes que têm presas.

Porque não se utiliza a translocação e a reprodução em cativeiro como medida de conservação do lobo-marinho?

A aplicação destas medidas não é consensual entre a comunidade científica, por serem medidas intrusivas aplicadas numa espécie ameaçada. Para além disso, não existem quaisquer estudos que permitam avaliar a viabilidade destas operações, como por exemplo

identificar uma população “dadora” que não seja afetada negativamente com a retirada de animais, e identificar uma população “recetora” onde os indivíduos introduzidos tenham uma boa integração social e ambiental.

No caso da reprodução em cativeiro, acresce ainda o facto da grande maioria dos lobos-marinhos que passaram pelo cativeiro, no passado, não terem sobrevivido mais do que alguns meses.

A aplicação destas técnicas deverá envolver primeiro, entre a comunidade científica, um debate transparente e ausente de quaisquer outros interesses que não a conservação do lobo-marinho, para avaliar a real necessidade e eficácia desta medida para a conservação desta espécie.

Quantos e quais são os endemismos da avifauna madeirense?

A avifauna da Região Autónoma é bastante rica em endemismos, quer a nível de espécies, quer a nível de subespécies, dividindo-se em endemismos macaronésicos e endemismos do Arquipélago da Madeira, num total de 23 espécies:

Espécies endémicas do Arquipélago da Madeira – 4

- Freira-do-bugio (*Pterodroma deserta*);
- Freira-da-madeira (*Pterodroma madeira*);
- Pombo-trocaz (*Columba trocaz*);
- Bis-bis (*Regulus madeirensis*);

Subespécies endémicas do Arquipélago da Madeira – 6

- Manta (*Buteo buteo harterti*);
- Coruja (*Tyto alba schmitzi*);
- Lavandeira (*Motacilla cinerea schmitzi*);
- Corre-caminhos (*Anthus bertheloti madeirensis*);
- Tentilhão (*Fringilla coelebs*

?

madeirensis);

- Pintarroxo (*Carduelis cannabina guentheri*);

Espécies endémicas da Macaronésia – 1

- Andorinha-da-serra (*Apus unicolor*)

Subespécies endémicas da Macaronésia – 12

- Pintainho (*Puffinus assimilis baroli*);
- Calcamar (*Pelagodroma marina hypoleuca*);
- Codorniz (*Coturnix coturnix confisa*);
- Francelho (*Falco tinnunculus canariensis*);
- Fura-bardos (*Accipiter nisus granti*);
- Gaivota-de-patas-amarelas (*Larus michahellis atlantis*);
- Pombo-da-rocha (*Columba livia atlantis*);
- Toutinegra (*Sylvia atricapilla heineken*);
- Cigarrinho (*Sylvia conspicillata orbitalis*);
- Melro-preto (*Turdus merula cabrerae*);
- Pardal-da-terra (*Petronia petronia madeirensis*);
- Canário-da-terra (*Serinus serinus canaria*);

?

Quantas e quais são as áreas importantes para a avifauna existentes na Região Autónoma da Madeira, nomeadamente Zonas de Proteção Especial (ZPE's) e Important Bird Areas (IBA's)?

As áreas atualmente existentes na RAM com interesse para a avifauna, nomeadamente ZPE's (zonas definidas com base na Diretiva Aves da Comunidade Europeia) e IBA's (áreas importantes para as aves, de acordo com critérios da BirdLife International) são as seguintes:

ZPE's – 5:

- Ilhas Desertas;
- Ilhas Selvagens;
- Maciço Montanhoso Oriental da Ilha da Madeira;
- Laurissilva da Madeira;
- Ponta de São Lourenço

IBA's – 8:

- Ponta do Pargo;
- Laurissilva;
- Maciço Montanhoso Oriental da Ilha da Madeira;
- Ponta de São Lourenço;
- Porto Santo Oeste;
- Ilhéus do Porto Santo;
- Ilhas Desertas;
- Ilhas Selvagens;

?

Se for ao Pico do Areeiro tenho alguma probabilidade de encontrar uma freira-da-madeira em voo?

A partir do mês de Abril, a freira-da-madeira inicia as visitas às suas áreas de nidificação. Contudo só regressa a terra ao pôr-do-sol, pelo que durante o dia não será possível observá-la no Pico do Areeiro em voo. Se não houver luar, na chegada à colónia as aves emitem chamamentos conspícuos tornando-se silenciosas com o luar. A saída das aves dos ninhos para o mar efetua-se antes do nascer-do-sol e as aves deslocam-se silenciosamente para não serem detetadas.

?

Posso fazer escutas noturnas à freira-da-madeira por minha conta e risco?

As visitas às áreas de nidificação carecem de autorização do IFCN. Contudo é concedida autorização a empresas de animação turística, possibilitando o usufruto de uma visita noturna ao local de reprodução desta ave, permitindo a audição das vocalizações que estas aves utilizam para comunicar entre si.

?

Possuo um terreno agrícola onde estão a ocorrer estragos nas culturas provocadas pelo pombo-trocaz. Como proceder para obter apoios para minimização dos estragos?

Contacte o Instituto das Florestas e Conservação da Natureza.

O IFCN efetuará uma visita ao terreno, em data a combinar, para perceber quais dos métodos disponíveis para apoio (máquina espanta-pássaros a gás, fita holográfica ou rede de exclusão) é o mais adequado para o seu caso.

?

Qual a importância e estatuto de ameaça atual do pombo-trocaz?

O pombo-trocaz *Columba trocaz* é uma espécie endémica da Ilha da Madeira. Quer isto dizer que é uma espécie que ocorre exclusivamente nesta ilha e em mais nenhuma outra parte do Mundo (não confundir com pombo-torcaz *Columba palumbus*, que é uma espécie cosmopolita que ocorre por toda a Europa). Por este fator é uma espécie que apresentará sempre um determinado grau de ameaça, dado que tem ocorrência muito limitada.

No entanto, atualmente esta espécie integra o grupo de espécie Não Ameaçadas (IUCN, 2012), por apresentar uma tendência populacional positiva, com efetivo superior a 10000 indivíduos (SPNM, 2012), e pelo facto do seu habitat preferencial (A Laurissilva) se apresentar efetivamente protegido e em bom estado de conservação.

Esta espécie é também extremamente importante para a conservação e expansão da floresta Laurissilva. Estudos da dieta demonstraram que a passagem das sementes das principais árvores desta floresta pelo trato digestivo do pombo-trocaz potencia a

sua germinação, tendo esta ave um papel igualmente preponderante na disseminação das mesmas por áreas limítrofes da floresta, o que obviamente potencia a sua expansão.

?

O que são Plantas Invasoras?

São plantas não indígenas (exóticas) que se expandem naturalmente (sem a ação direta do homem) em habitats naturais e seminaturais conduzindo a uma alteração significativa da composição ou das estruturas dos ecossistemas. “Cronk & Fuller (1995).

?

Todas as plantas não indígenas são invasoras?

Não. Existem muitas plantas não indígenas que não apresentam comportamento invasor. São invasoras apenas aquelas que depois de estabelecidas se reproduzem e ocupam o território de uma forma excessiva, em área e em número de indivíduos, provocando desta forma alterações significativas nos ecossistemas naturais.

?

Posso participar nas ações de controlo de plantas invasoras promovidas pelo IFCN ? Como?

Sim. Envie um e-mail para o IFCN ifcn@madeira.gov.pt manifestando a sua intenção.

?

Têm informação sobre cogumelos? Quantas espécies de cogumelos existem no arquipélago da Madeira?

A resposta à questão não é fácil nem exata como à partida poderíamos esperar. Temos em primeiro lugar que esclarecer alguns pressupostos

segundo os quais se baseia a resposta:

1.º O cogumelo consiste geralmente no corpo frutífero de um fungo visível macroscopicamente, enquanto que o indivíduo completo é formado ainda pelo micélio e por outras formas ou elementos diversos, aéreos e subterrâneos, que se formam durante o ciclo de vida do fungo (Calonge & Sequeira, 2010);

2.º Os taxa corresponde ao conjunto das espécies e subespécies.

Assim, de acordo com a literatura científica publicada, existem no arquipélago da Madeira cerca de 743 taxa de fungos, distribuídos pelas ilhas da seguinte forma: 738 na Madeira, 14 no Porto Santo, 4 para as Desertas e 3 para as Selvagens (Irene Melo & José Cardoso, 2008).

?

Existem cogumelos comestíveis na Madeira?

De acordo com Diego Calonge e Miguel Sequeira (2010) no livro “Cogumelos da Madeira – Guia para a identificação das espécies mais frequentes”, estão identificadas numerosas espécies comestíveis, de diferentes tipos, nomeadamente:

- *Agaricus arvenses*;
- *Agaricus augustus*;
- *Agaricus campestris*;
- *Agaricus sylvaticus*;
- *Agaricus sylvicola*;
- *Agrocybe praecox*;
- *Albatrellus pes-caprae*;
- *Aleuria aurantia*;
- *Auricularia auricula-judae*;
- *Boletus edulis*;
- *Boletus aereus* Bull.;
- *Boletus aestivalis* (Paulet) MFr. (= *Boletus reticulatus* Schaeff.);
- *Boletus pinophilus* Pilát & Dermek;
- *Boletus erytropus*;

- *Cantharellus cibarius*;
- *Clitocybe nebularis*;
- *Coprinus comatus*;
- *Fistulina hepática*;
- *Hygrophoropsis aurantiaca*;
- *Lactarius deliciosus*;
- *Lepista nuda*;
- *Leucopaxillus giganteus*;
- *Lyophyllum decastes*;
- *Pluteus cervinus*;
- *Stropharia aurantiaca*;
- *Stropharia rugosoannula* Farl.:
Murrill;
- *Tricholoma portentosum*; etc.

?

Existem cogumelos venenosos na Madeira?

Segundo Diego Calonge e Miguel Sequeira (2010), na Madeira existem muitas espécies de cogumelos que se podem considerar venenosas, as quais se diferenciam também quanto ao tipo de envenenamento produzido: de período de incubação curto, com sintomas até meia hora após a ingestão; de período de incubação longo, com manifestação de sintomas com mais de seis horas após a ingestão; com outros tipos e sintomas, tais como alérgicos (*Mycena pura*), com sintomatologia coprínica, i.e. ocorre quando a ingestão destes cogumelos é simultânea com bebidas alcoólicas, causando distúrbios intestinais [*Coprinus atramentarius* (Bull.) Fr., *Cuprinus romagnesianus*]; ou de tipo resinoide originando diarreias [*Paxillus involutus* (Batsch) Fr., etc.].

Nas intoxicações com período de incubação curto, em que ocorre o aparecimento de sintomas após a ingestão, o tratamento é geralmente sintomático, fácil de aplicar e eficaz; o paciente recupera com rapidez sem maiores complicações.

Pelo contrário, quando os sintomas aparecem tardiamente, isto é, mais de seis horas após a ingestão, o tratamento pode complicar-se. No entanto se o paciente receber rapidamente tratamento médico, geralmente é possível a sua recuperação.

Assim exemplos de cogumelos venenosos de período de incubação curto existentes na Madeira temos as espécies:

- *Amanita gemmata*;
- *Amanita muscaria*;
- *Amanita rubescens*;
- *Clitocybe dealbata* (Sowerby) Gillet;
- *Clitocybe phyllophila*;
- *Clitocybe phaeophthalma*;
- *Clitocybe vibecina*;
- *Inocybe* spp (quase todas as espécies deste género);
- *Helvella* spp (se consumidos crus);
- *Russula* spp (todas as que apresentem carne de sabor picante); etc.

Exemplos de cogumelos venenosos potencialmente mortais, presentes na Madeira e que apresentam um período de incubação longo, são três espécies:

- *Galerina marginata* (é a mais perigosa, pois o veneno não é destruído pelo calor durante a cocção culinária, provocando a destruição do fígado do paciente);
- *Gyromitra esculenta*;
- *Gyromitra infula* (nestas duas espécies do género *Gyromitra*, o veneno ataca o fígado se consumidas cruas, mas desaparece no processo de secagem e no aquecimento durante a cocção).

?

Qual a principal regra para evitar o envenenamento por consumo de

cogumelos?

Se não conhecer o cogumelo com toda a certeza e segurança não o coma!

?

Quantos animais e plantas existem na Madeira?

A Madeira é um notável centro de biodiversidade, faz parte do hotspot de biodiversidade mediterrânico e integra a região biogeográfica denominada Macaronésia, que compreende igualmente os arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde. Num território com cerca de 828 km², aproximadamente 1% da superfície de Portugal, estão referenciadas atualmente 7571 espécies e subespécies, das quais 1419 (19%) são endémicas com 1286 espécies e 182 subespécies. O filo animal é o mais diverso correspondendo a 58% da biodiversidade terrestre, ficando os restantes 42% para as plantas e os fungos.

?

Quais as principais ameaças à biodiversidade?

As principais ameaças à biodiversidade na Madeira são: perturbação de espécies e habitats de origem antrópica (perda e degradação de habitat, urbanização e desenvolvimento de áreas residenciais), introdução de espécies exóticas invasoras, modificação de sistemas naturais, processos naturais bióticos e abióticos, eventos geológicos e catástrofes naturais, poluição e alterações climáticas.